

**as últimas folhas
do diário**

Rafa Chagas

Copyright © 2021 by Rafa Chagas

Grafia atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Gil Vieira

Diagramação

Bruno Rodrigues

Revisão

Mayara Souza

Dados para Catalogação na fonte

Carla Vilella de Mattos – Bibliotecária – CRB4/1596

C433u

Chagas, Rafa

As últimas folhas do diário / Rafa Chagas. -

1. ed. - Fortaleza: Transiente, 2025.

224 p.: il.; 21 cm

ISBN 978-65-85720-09-0

1. Contos brasileiros. 2. Literatura
brasileira - Contos. I. Título.

CDD B869.3

Sumário

Paciência Dr. Carlos, paciência...	8
Um ventilador de teto, um abajur de camurça e duas camas de solteiro	16
O livro de música	27
Ancoradouro	35
Eu conheci Roberto Távora	50
Cadê João?	66
O último melro	80
Incesto	85
Quando parti	104
As últimas folhas do diário	110
1. Prólogo de um assassinato	112
2. O peso da insônia	118
3. Quando voar se torna repousar	126
4. Domingo e uma pequena bailarina	148
5. Uma estranha visita bate à porta	167
6. De volta ao peso da insônia	184

7. O dia que me tornei outros nomes	195
8. Os filhos que não tive, o amor que perdi, as portas que se fecham para recomeçar	208
9. O manjar amargo da loucura	235
10. Queda em mármore	257
11. Parte última	269



Paciência Dr. Carlos, paciência...

(VOZ DO Dr. CARLOS)

— Quem aí tem um cigarro? (E ninguém se prontificou)

— Ok, tudo bem. São tão estúpidos como eu imaginava. Quem me colocou junto desses imbecis? Eu quero o meu advogado!

(NARRADOR)

A paciência, antes virtude preciosa e de engrenagens sólidas, já não parece ser tão maiúscula assim. Os olhos nus também já não percorrem a camurça prateada que recobria sua realidade. Afinal, sua vida era de luxo, de lençóis de seda, de salões nobres,

de restaurantes finos, tudo muito diferente do que atualmente experimentava.

Durante o andamento das coisas, nada resistiu ao ruir do esquecimento, prevalecendo somente o discurso, repetido por tipos como dr. Carlos André, menino educado e instruído para ser o que era, de futuro escrito e repetido por poucos, e distante dos muitos que aprendeu a não se importar.

Dr. Carlos André, político dos políticos, estava mantido numa cela a parte, restrito aos seus quatro metros quadrados de grades de ferro exclusivas e e separadas a quilômetros de distância de seus vizinhos sem direitos. E enquanto o recinto lhe dificultava o respirar, mais dr. André se aproximava dos limites de sua revolta.

— Paciência é a puta que pariu!! Quanto tempo mais vou permanecer nessa imundície?! E vocês me respeitem, seus vagabundos!!!.

Embora sua atual condição de cárcere não tenha afetado a sua prepotência, seu semblante demonstrava desespero, pois mesmo que soubesse manejar muito bem a arapuca civil que lhe havia aumentado vertiginosamente a riqueza, jamais pensava em estar onde estava, e mais, que seria pego por algo tão comum e tão característico de sua família, naturalmente repassado de seus bisavôs aos seus avós, e muito bem aprendidos por seus pais que,

por sua vez, fizeram dele o que agora é, o deputado de vasto séquito e de igual número de inimigos.

Pegando esse gancho, a mídia não perdoou, recheou manchetes acusativas com o seu nome; manchetes estas que denunciavam a total inconfiabilidade de seu caráter e evidenciavam a cúpula de malfeitores da qual fazia parte, os quais, suspensos no estandarte sustentado por sistemas e acordos ilegais, mantiveram-se impunes por longos anos. Mas eis que o justo começa a soprar ares mais fortes e os dedos do poderoso dr., antes em riste como a provar o deleite pela insubmissão a qualquer coisa e a qualquer um, começa também a envergar-se, recolher-se.

“Notícia urgente: dr. Carlos André, famosa personalidade de nossa política, está sendo julgado por suas fraudes nas finanças do Estado. A quadrilha que ele fazia parte está sendo desmontada pouco a pouco, e entre os envolvidos, está um irmão, seus pais, primos, tios e amigos próximos, por sinal, também ocupantes de cargos públicos”. Os jornais seguiam vorazes...

(VOZ DO Dr. CARLOS)